

**DISCUTINDO AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO COM DISCENTES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL A PARTIR DAS COLABORAÇÕES DE JUDITH BUTLER E  
PIERRE BOURDIEU**

Vinícius Matias Rodrigues Manoel - FAESO  
João Carlos Pereira de Moraes – FAESO/USP

E-mail para contato: joaocarlos\_pmoraes@yahoo.com.br  
E-mail para contato: vinicius.manoel@live.estacio.br

Iniciação Científica – Faculdades Estácio de Sá de Ourinhos - FAESO

**Eixo Temático:** Eixo 08 - Cotidianos, Escolas e Currículos

**Categoria:** comunicação oral

**Resumo:** Neste artigo propomos uma discussão sobre as construções sociais acerca do masculino e do feminino manifestadas durante a infância a partir das contribuições teóricas de Judith Butler e Pierre Bourdieu. Para atingirmos este objetivo entrevistamos uma turma de alunos do quarto ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Ourinhos – SP onde aplicamos questões referentes ao entendimento dos próprios sobre o que é ser homem e ser mulher. Concluimos que as repostas das crianças tendem a reproduzir e performar o gênero de acordo com os modelos no qual possuem maior contato, ou seja, seus pais e a mídia. Acreditamos que compreender as relações de gênero que moldam os pequenos é uma ferramenta importante para o trabalho docente, pois permite ao mesmo construir práticas orientadas as demandas mais urgentes de seu pequeno público.

**Palavras-chave:** Gênero, Educação, Bourdieu, Butler, Docência.

## **INTRODUÇÃO**

É de comum conhecimento que as crianças ocupam uma posição desprivilegiada nos debates sobre gênero existentes. Entretanto, não podemos negar que as mesmas, como sujeitos sociais que são, também possuem sua visão sobre o assunto. E é a isto que este trabalho se dedica. Tendo como principal objetivo analisar e discutir o entendimento de crianças sobre o

seu gênero, tendo como pano de fundo teórico as contribuições de Judith Butler (2014) e Pierre Bourdieu (2017). A pesquisa é qualitativa e utiliza a entrevista aberta como principal instrumento de coleta de dados. O trabalho se inicia com um capítulo expondo brevemente alguns conceitos bourdieasianos e logo em seguida, no segundo capítulo, aborda a teoria de Butler. Após, realizamos uma discussão sobre a análise dos dados e concluimos reafirmando a importância deste tipo de pesquisa e principalmente o fato de darmos voz a um público notadamente esquecido nos debates de gênero e sexualidade.

## **PIERRE BOURDIEU E A DOMINAÇÃO MASCULINA**

Para obtermos sucesso na compreensão dos mecanismos de reprodução da dominação masculina, afirma Bourdieu (2017), é necessário estarmos cientes de que aquilo que, na história, aparece como natural não é mais que o produto de um trabalho de naturalização que compete a instituições correlacionadas, como a família, a igreja, a escola, o esporte e o jornalismo.

Para o autor, os dominantes são grupos sociais ou etnias, nesse caso os homens, que impõem seus valores e regras aos dominados, que incorporam seus esquemas de pensamento e a eles se submetem (CATANI et al., 2017).

Sendo assim, a dominação masculina e o modo como é imposta e vivenciada,

é o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2017, p.11-12).

O conceito de violência simbólica é um tema presente em toda a teoria social de Pierre Bourdieu e aplica-se a todas as formas brandas de dominação que conseguem ganhar a adesão dos dominados. Brandas em relação a brutalidade das formas físicas e armadas, ainda que as físicas também sejam simbólicas. Violência, pois, por mais “brandas” que possam parecer, ainda sim exercem em suas vítimas o constrangimento, a censura, a exclusão, e por fim, simbólica, pois age no nível do discurso e dos significados. Mais precisamente, dos sentidos que os dominados conferem ao mundo social e a seu lugar nesse mundo (CATANI et al., 2017).

Nesse sentido, compreender os pressupostos supracitados nos permite analisar as categorias de gênero e sexualidade sob a ótica da dominação masculina. Entendendo que o

mundo social é composto por dominantes e dominados e aos primeiros cabem legitimar sua posição utilizando a violência simbólica e as instituições. Quanto aos dominados, cabe-lhes aceitar essa submissão paradoxal, pois, para que haja dominação é necessário que haja certa concordância por parte das vítimas dessa opressão simbólica.

## **JUDITH BUTLER E A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO**

O gênero é comumente definido como uma construção sócio-histórica que sustenta as diferenças identitárias entre o masculino e o feminino (MANOEL; MORAES, 2017). Entretanto, para a filósofa Judith Butler (2014, p.8), “o gênero é uma imitação persistente, que passa como o real.”

Nesse sentido, podemos entender que as pessoas se comportam da forma que se espera delas pela sua cultura e as expectativas de gênero tradicionais são baseadas no modo como a maioria das pessoas se comporta em sua cultura. O gênero é um tipo de imitação para o qual não há um original. O gênero é o que você faz, em vez de uma noção universal do que você é (BUTLER, 2014).

Desse modo, a noção de gênero é tida como uma personificação, onde ter um gênero envolve personificar um ideal que ninguém na verdade segue. A identidade de gênero não é uma parte da essência de uma pessoa, mas o produto de atos e comportamentos. É o desempenho repetido desses atos e comportamentos, combinados com tabus impostos pela sociedade, que produz o que é visto como uma identidade essencialmente masculina ou feminina.

## **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

O presente estudo visa não só relacionar as variáveis de análise central, bem como apresentar subsídios de informação que possam servir de diretrizes para ações de compreensão da realidade. Nesse sentido, os resultados serão apresentados sobre forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes primárias e secundárias, incluindo revisão bibliográfica e entrevistas. A planificação da pesquisa inclui, em primeiro

lugar, o levantamento dos dados secundários e a revisão da literatura, para posterior contato com as fontes pessoais, a fim de promover a coleta de dados em campo. A aplicação dos instrumentos específicos de pesquisa foi realizada pessoalmente. A apresentação dos resultados qualitativos será acompanhada de análise direcionada ao contexto que configura o objeto de estudo, de modo que se cumpra o papel científico deste projeto, no sentido de alcançar os objetivos propostos.

Escolhemos, para a pesquisa de campo uma escola de Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino da cidade de Ourinhos-SP. Uma vez na escola, após abordarmos a coordenadora, fomos guiados pela mesma até uma turma do quinto ano, onde sorteamos 10 alunos, 5 meninos e 5 meninas, para participar da entrevista. A entrevista foi realizada individualmente em espaço longe da sala de aula, na biblioteca, para que não houvesse fatores externos que atrapalhassem o andamento dos trabalhos. As sessões de entrevistas duraram cerca de 10 a 15 minutos. O roteiro da entrevista era formado por duas perguntas abertas sobre como os alunos entendiam e definiam o próprio gênero.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Quando chegamos na escola onde realizariamos a pesquisa de campo e explicamos a forma como se daria o trabalho, a coordenadora em um primeiro momento demonstrou receio, mas enfim, acabou concordando. Nos guiou até uma classe de quinto ano e explicou para os alunos o motivo da visita. Os mesmos ficaram bastante curiosos com a nossa presença e um tanto empolgados com a pesquisa. Realizamos o sorteio dos dez alunos e começamos as entrevistas.

Reservado um espaço na biblioteca, onde poderíamos conversar sem qualquer tipo de interferência externa, iniciamos os trabalhos com as meninas. A fim de criar um ambiente confortável para que a entrevista ocorresse da melhor forma possível, começamos perguntando seus nomes, idade, o que gostavam de fazer em horários opostos ao da escola, etc. Após essa aproximação inicial indagamos em qual gênero elas se identificavam, o que nos foi unanimemente respondido como feminino. Após, perguntamos os motivos para se identificarem como gênero feminino. As respostas orbitaram em torno de aspectos comumente entendidos como “coisas de mulher” em nossa sociedade. Como exemplo, podemos citar a fala de uma aluna que disse que: *“Eu sou do gênero feminino porque eu uso maquiagem e gosto de coisas de meninas..”*. No caso das meninos, procedemos da mesma forma, entretanto as

repostas giraram em torno de significados como: “*Porque eu sou forte*”, ou então: “*porque eu gosto de meninas*”.

Como podemos notar, a máxima de Butler (2014) no que se refere ao gênero sendo constituído por posturas e disposições se faz presente. Podemos perceber que os significados que os alunos atribuem ao seu gênero diz mais sobre o ambiente e os processos de socialização que estão inseridos, do que um entendimento consciente sobre aquilo que julgam ser, como afirma Bourdieu (2017).

O *habitus*, com efeito, permite aos indivíduos, numa situação dada, produzir o comportamento que corresponde ao que é esperado deles pelo contexto social (é, de fazer corresponder suas estruturas subjetivas com as estruturas objetivas do mundo social) sem forçosamente saber refletir sobre isto, já que outrora interiorizavam a exterioridade do mundo social (JOURDAIN; NAULIN, 2017, p.52-53).

Por fim, podemos perceber que as noções de significação do eu obedecem a uma lógica perpetuada a tanto tempo que é entendida como natural. O entendimento acerca dos “papéis de gênero”, expõe os mecanismos de reprodução de comportamentos de cada gênero, e nos mostra o quanto tais significações são sólidas nas crianças. O fato de serem consideradas puras ou como seres incapazes de falar sobre seu gênero, as colocam em uma posição desprivilegiadas nas relações sociais, no que tange principalmente a prevenção de possíveis problemas relacionados a temática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como podemos observar, a noção de gênero para as crianças obedece uma lógica naturalizada, que constitui basicamente de apenas duas categorias: o masculino e o feminino. Butler denuncia o caráter performativo do gênero e a influência determinante dos processos de socialização nesse entendimento, noção corroborada por Bourdieu.

Como já dito, as crianças por estarem em uma posição desprivilegiada nas relações sociais, são as que mais sofrem por serem, de certa forma, censuradas dos debates sobre o assunto. Como essa forma de censura influencia na construção do eu do sujeito é tema para outras pesquisas, mais aprofundadas.

## REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017. 175 p. Tradução Maria Helena Kuhner.

BUTLER, Judith P.. **Problemas de Gênero: Feminismos e subversão da identidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Sujeito e História). Tradução Renato Aguiar.

CATANI, Afrânio Mendes et al (Org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017.

MANOEL, V. M. R. ; MORAES, J. C. P. . **As compreensões de docentes dos anos iniciais do ensino fundamental sobre as discussões em sala de gênero e sexualidade**. In: IV CBE - Congresso Brasileiro de Educação, 2017, Bauru - SP. Anais do VI Congresso Brasileiro de Educação: v. 4 educação e formação humana: práxis e transformação social: Pesquisas Concluídas. Bauru: FC/UNESP, 2017. v. 3. p. 3215-3220.